

# Produção de argamassa ajuda a resolver

# problema ambiental no Rio

*Da Redação*

**N**ada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Utilizando o velho princípio de Lavoisier, as serrarias de rochas ornamentais de Santo Antonio de Pádua, no noroeste do estado do Rio de Janeiro, passaram a adotar uma tecnologia que reaproveita a água utilizada no corte das rochas, além de separar o pó residual. Assim, a água deixa de contaminar o solo e o pó está sendo utilizado para fabricar até 20 mil toneladas de argamassa ambiental por mês na recém-inaugurada fábrica Argamil, do Grupo Mil.

A técnica foi desenvolvida por meio de uma parceria entre o Instituto Nacional de Tecnologia (INT) e o Centro de Tecnologia Mineral (Cetem), com recursos da FINEP e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). O Cetem desenvolveu o processo de separação dos resíduos da água, captando-os em tanques, o que além de permitir o acúmulo do pó fino para utilização posterior, viabilizou a reutilização da água.

“No sistema que desenvolvemos é feita a reciclagem da água, que é colocada em circuito fechado. Com isso, a reposição de água no processo de serragem é muito pequena”, afirma Carlos Peiter, pesquisador do Cetem.

O processo resolveu o problema da poluição de córregos e riachos locais, mas ainda não se sabia o que fazer com o pó residual, que já começava a se acumular nas fábricas. Nesse momento entra o INT, que realizou um estudo de pesquisa e desenvolvimento para identificar três possíveis usos para o pó fino: composições de telhas e tijolos, artefatos de borracha e argamassa industrial.

“Em função das oportunidades e da própria característica da região de Pádua, o INT sugeriu que a melhor alternativa técnica seria implantar uma fábrica de argamassas, uma vez que essa família de produtos



*Fábrica utiliza pó residual da pedra como matéria-prima*

apresenta alta demanda de resíduos”, conta José Carlos da Rocha, pesquisador do INT.

“As leis serão cada vez mais restritivas com relação à destinação final dos resíduos e teremos que criar novas soluções tecnológicas, o que é uma oportunidade de atuação para as instituições de pesquisa, desenvolvimento e inovação”, conclui o pesquisador. ■